

Nise revela novas imagens do inconsciente

A doutora Nise da Silveira terminou de escrever o segundo volume do livro *Imagens do Inconsciente com trabalhos de internos do Centro Psiquiátrico Pedro II do Rio*

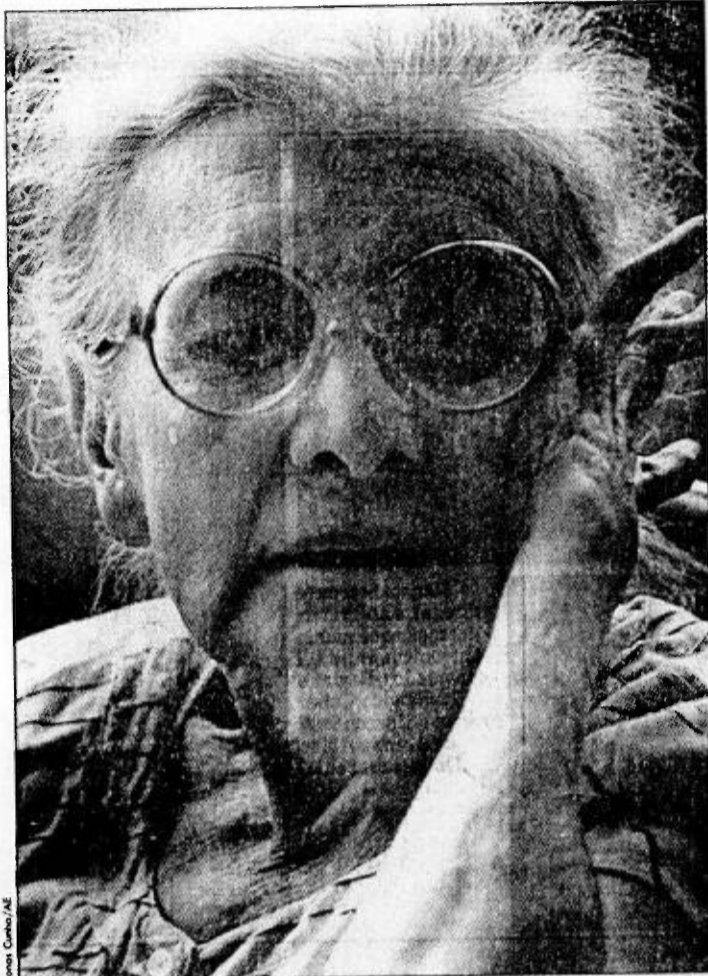
Lina de Albuquerque

RIO — Uma peneira e um abanador. Os dois artesanatos de palha não foram colocados por acaso na parede do escritório da psiquiatra alagoana Nise Magalhães da Silveira, no andar de cima do seu apartamento, no Flamengo. Como tudo naquele espaço onde trabalha essa que para muitos é considerada a principal herdeira do pensamento junguiano no País, esses objetos têm o que dizer. Antes de terminar um texto, Nise tem mania de peneirar inúmeras vezes o material colhido. Retirar os excessos e as impurezas. Para dar conta desse trabalho de verdadeira carpintaria, ela gosta de olhar para o abanador. A imagem lhe provoca uma sensação de alívio.

Essas duas peças — "os meus nobres brasões indígenas", como costuma dizer — têm especial significação nesse momento. Aos 87 anos, Nise acabou de dar a pincelada final no seu trabalho mais recente: o segundo volume do livro *Imagens do Inconsciente*, uma continuação da edição lançada em 1980. Com o apoio cultural da Bolsa Vitae, a psiquiatra se dedicou durante um ano a estudar os desenhos, pinturas e esculturas dos internos do Centro Psiquiátrico Pedro II, no subúrbio carioca de Engenho de Dentro. As obras foram selecionadas entre mais de 300 mil docaveros do Museu de Imagens do Inconsciente, onde ela introduziu ateliês de arte a partir de 1946.

Nise fala de seu novo trabalho enquanto toma o tradicional chá das cinco, na companhia da psiquiatra aposentada Alice dos Santos e da colaboradora do grupo de estudos C.G.Jung, Elvia Mello. Participa também Luiz Carlos Mello, atual diretor da seção de arquivos do Museu de Imagens do Inconsciente, que acompanhou cada passo da elaboração dos dez capítulos e 204 ilustrações que compõem esse volume. Fazem fundo à conversa insistentes latidos de um cão que passeia sem cerimônia pela sala. É a cachorra Xana, de André, um adolescente filho de Nilza, governanta que mora com ela desde a morte do marido e primo da psiquiatra, o médico sanitário Mário da Silveira, em 1986.

A presença do cachorro na sala remete a uma pergunta quase óbvia para quem conhece um pouco do seu trabalho em torno da defesa do poder terapêutico atribuído aos animais e está acostumado a vê-la sempre ao lado dos felinos. Onde estão os famosos gatos da doutora Nise? Um deles, Leo, está dormindo no seu quarto. Os outros três vivem no escritório e todas as quartas-feiras se misturam aos participantes das reuniões do grupo de estudo C.G.Jung, por ela coordenadas no andar superior de seu apartamento. O velho gato Mestre Onça não está mais ali. Ele morreu alguns meses antes de Nise terminar esse segundo volume, mas pode ser encontrado na dedicatória do livro, junto com o nome de Leon Hirszman, cineasta morto em 1987, que registrou o seu trabalho na trilogia *Imagens do Inconsciente*. Por influência de Nise, os gatos até hoje podem ser encontrados circulando pelos quatro cantos do Pedro II.



Nise da Silveira: "É melhor ser um lobo solto do que um cachorro de coleira"



No alto, duas esculturas de Lúcio: antes e depois da leucotomia; abaixo, o último retrato da amada de Isaac — ele morreu com o pincel na mão



Personagens

Entre a arte e a esquizofrenia

Enquanto a psiquiatria oficial praguejava contra as idéias de Nise da Silveira, artistas e críticos como Mário Pedrosa manifestavam o mais vivo interesse pelo seu trabalho. Diante das pinturas de um dos internos do Centro Psiquiátrico Pedro II, longamente comentadas no segundo volume de *Imagens do Inconsciente*, Ferreira Gullar se rendeu: "É o maior pintor brasileiro". Ele falava de Emydio. No momento em que Nise acerta os detalhes da edição do seu livro com uma editora paulista, Rubens Corrêa encena em São Paulo uma montagem encomendada pela psiquiatra para ser montada no Pedro II: a peça *Artaud*. Há poucos dias, o ator foi empossado presidente da Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente. Até amanhã, aliás, o TBC (Rua Major Diogo, 315) mostra uma série de documentários sobre a relação entre a arte e a esquizofrenia estabelecida por Nise.

No primeiro volume de *Imagens*, lançado pela Editora Alhambra, Nise se ocupou do estudo de obras de outros pacientes, como as do pintor Fernando Diniz, hoje reconhecido internacionalmente. Para ser fiel ao pensamento de Nise, "paciente" não é propriamente uma palavra correta. "Paciente é um ser passivo que requer tutela", ela diz. Ao referir-se aos chamados loucos, a psiquiatra há muito tempo vem fazendo uso de uma expressão do homem de teatro Antonin Artaud, que morou muitos anos em hospícios: "São pessoas que vivem os inumeráveis estados do ser".

Quem assistir aos audiovisuais do TBC se adianta na leitura do segundo volume. Dirigidos por Luiz Mello, eles contam histórias de personagens retratados no livro, como Emydio. Apaixonado pela mulher do irmão, o sentimento de culpa aparece constantemente em sua obra. Em um de seus desenhos, ele aparece preso em uma cruz circular. Ao analisá-lo, Nise teve em mente um conselho do próprio Jung, que conhecera por ocasião de um congresso em Zurique, em 1957. Ele interessou-se pelo seu trabalho e a aconselhou a estudar mitologia para melhor compreender os delírios. Essa imagem de Emydio remete ao mito de Ixion, condenado a girar eternamente numa roda por ter tentado seduzir a esposa de Zeus.

Neste volume, estão registradas experiências de outros artistas como Adelina, Raphael e Lúcio, escultor de guerreiros egípcios que se desinteressou da arte depois de submetido à leucotomia. E de Isaac, pintor de muitas obras e de uma única mulher. Isaac começou a demonstrar sintomas de desajustamento, depois do fracasso de uma relação amorosa. Com 62 anos, sofreu um enfarte no ateliê do Museu e morreu tendo Nise segurando as suas mãos. Estava pintando a mesma mulher com quem estivera casado na juventude. "Como a medicina, essa ciência conservadora e impermeável, pode chamar um indivíduo assim de embotado afetivamente?", pergunta Nise. (L. A.)

Filha única de um casal de pernambucanos, o professor de matemática Faustino da Silveira e a pianista Maria Elidia, a psiquiatra Nise da Silveira, natural de Maceió, despista quando a conversa envereda para o lado pessoal. "Não gosto de reportagens estilo Felix Pacheco", ironiza. Felix Pacheco é o nome de um instituto carioca especializado em tirar carteiras de identidades. Quer falar de seu trabalho e não dos motivos pelos quais não teve filhos. Mas há dados indispensáveis para conhecer a sua trajetória de vida. Depois de ter estudado Medicina, na Bahia, Nise foi morar no Hospital da Urca (atual Pinel). Apanhada lendo livros de Karl Marx durante o Estado Novo, ficou trancafiada por um ano e quatro meses numa cela, a sala 4. Na prisão, conheceu o escritor Graciliano Ramos que a transformou em personagem do livro *Memórias do Cárcere*. Nise da Sil-

veira comeu o pão que o diabo amassou. Resistiu — está sempre resistindo, mesmo hoje, obrigada a locomover-se numa cadeira de rodas — e ganhou uma definição precisa do psicanalista Hélio Pelegrino, morto há três anos: "Nise é um anjo duro".

Como anjo, conseguiu sobrevoar quase tudo. Dura, ignorou a psiquiatria oficial que a julgava maluca por distribuir pincel e tinta aos doentes e por bradar contra os seus recursos, quando ainda nem era moda criticar o eletrochoque. Ficou anos afastada do serviço público. Escolhida como um dos destaques do especial de fim-de-ano *Mulher-90*, da *Rede Globo*, Nise ainda parece desconfiar desse crescente interesse em torno do seu trabalho. A campanha toca e interrompe o início de um comentário, provavelmente chistoso, sobre o atual período de evidência, tornado ainda mais claro depois que ela se dispôs, há dois meses, a promover uma manifestação contra a farra do boi no Circo Voador, ao lado do animador cultural Perfeito Fortuna. Uma jovem terapeuta ocupacional, Sandra Pacheco, chegou para convidá-la a inaugurar uma exposição do artista plástico Arthur Bispo na Colônia Juliano Moreira. A moça parece um tanto inibida.

— Estou emocionada em conhecê-la.

— Emocionada por que, menina? Está todo mundo no mesmo barco.

Não é falsa modéstia. Nise conhece o seu valor. Sabe que fez discípulos e orgulha-se de ter dado a eles escafandros em vez de ensiná-los a mergulhar. E sabe também ser arrogante quando quer. Comenta-se que certa ocasião o diretor da *Globo* Daniel Filho saiu do escritório dela desapontado por causa do pouco caso com que teria sido tratado.

Reverenciada como uma das personalidades mais interessantes da psiquiatria brasileira, Nise da Silveira nunca quis filiar-se em nenhuma entidade psiquiátrica. "É melhor ser um lobo magro e solto do que um cachorro gordo de coleira".



Nise ao lado de Jung (centro), mestre e inspirador em Zurique, 1957